



Revista APMED - Volume 1 - Número 1 - Julho de 2022

---

## CONSELHOS DE MEDICINA, O MÉDICO E A SOCIEDADE

Dr. João Modesto Filho

Presidente o Conselho Regional de Medicina do Estado da Paraíba

Os Conselhos de Medicina são autarquias federais que desenvolvem suas atividades de acordo com a Lei 3.268/57, regulamentada pelo decreto n. 44.045/58 e pelas normas estabelecidas pelo Conselho Federal de Medicina. Foram criados com os objetivos de serem órgãos fiscalizadores e supervisores da ética médica, mas com as mudanças sociais que sempre ocorrem, tivemos a clareza de que nem os médicos nem os conselhos de medicina poderiam ficar alheios ao que se passava a sua volta e deveriam se manifestar sobre o que ocorre na sociedade. Nesse sentido, sempre entendemos que o papel dos Conselhos não poderia ficar restrito a uma ação fiscalizadora e moralista. Temos que defender o direito à saúde de qualidade da população, ou seja, não podemos ser um órgão meramente cartorial e fiscalizador, mas devemos estar em sintonia com os médicos e a sociedade em geral. Afinal, já nos ensinava o Prof. Genival Veloso de França: “todo ato médico é um ato de justiça social e toda doença tem como origem ou consequência um fato social”.

Entramos a pouco no novo milênio e velhos e novos desafios estão presentes e, ser médico, no seu sentido mais amplo, em um país ainda socialmente pobre e principalmente injusto requer, não somente o exercício da atividade profissional, mas também a ação como cidadão. E, como cidadão, temos a obrigação de lutar particularmente contra a enorme injustiça que a sociedade brasileira pratica com uma grande parcela da população, com os mais pobres. A maneira perversa como o Brasil

trata os seus pobres é secular, persistente e até imutável porque não temos sido capazes de modificá-la. A discriminação contra o pobre é talvez ainda maior do que a racial.

Paralelamente a esses problemas sociais, temos a luta pela dignidade da profissão. Afinal, é lamentável que o profissional médico, na sua grande maioria, venha sendo submetido, por um lado, a um processo de dependência de empresas prestadoras de serviços, muitas das quais mercantilistas e que visam exclusivamente o lucro. Aliás, nunca é demais lembrar que ética e lucro há muito se estranham. De outro lado, o médico se submete a multi-empregos onde o principal patrão é o governo, formando um modelo onde o resultado é o aviltamento salarial, tirando do médico a condição de profissional liberal levando-o a um acentuado desgaste físico e mental.

Na questão exclusiva da saúde e da medicina, segundo Hipócrates, o pai da nossa profissão, a medicina é a arte de curar. Entretanto esse enfoque parece estar algo superado, pois, hoje a medicina é a arte de ajudar o paciente a viver bem e morrer com dignidade. A morte também tem a sua dignidade, e esse é um aspecto ético prejudicado às vezes pelo CTIsmo exagerado, visto apenas sob a ótica do desenvolvimento tecnológico. Mas, biologicamente, a morte é inexorável, definitiva, a última fragilidade humana.

Nós, médicos, temos que lutar contra as distorções. Temos que superar divergências, respeitar o pluralismo das ideias, diversidade de opiniões, discutindo, todos juntos, qualquer tema. Temos que defender a dignidade da profissão, ressaltando o papel social que dela se espera, o que só pode ocorrer mediante uma maior autonomia, tanto econômica como política e gerencial, ou seja, mediante o fortalecimento do caráter profissional e dos aspectos exclusivos e específicos da profissão médica.

Por outro lado, precisamos aferir a qualidade do ensino médico, estimular os jovens médicos a manter o compromisso ético da profissão, estabelecer a necessidade de educação médica continuamente, potencializar novas lideranças e motivar com condições dignas de trabalho, o que inclui serviços estruturados e honorários adequados. Estamos atravessando um momento de grandes transformações com modificações rápidas e intensas. O advento da inteligência

artificial é um fato. Nesse sentido, a forma como as pessoas se comunicam também modificou rapidamente na última década e medicina está inserida nesse contexto.

O grande desafio é tornar a comunicação médico-paciente, ou seja, a telemedicina, uma ação segura para o médico e para o paciente na preservação de dados, da privacidade, mas também na questão legal na emissão de receitas, atestados e demais documentos. Vale lembrar que a telemedicina não substitui muitos aspectos importantes na avaliação da saúde do paciente. A telemedicina vem para auxiliar, mas não para substituir a presença do médico. Nesse sentido, entendemos que o CRM/PB precisa estar sempre conectado com o mundo atual, mais dinâmico, mais ágil, e buscando o ponto de equilíbrio dentro dos preceitos éticos da nossa profissão.

Estamos observando que o mundo e a medicina mudaram! E continuam a mudar, rápida e vertiginosamente. A ciência dando passos largos nas suas conquistas. Estamos presenciando uma mudança de paradigma na medicina nesse início de século. Por exemplo, o desenvolvimento e a implantação da medicina personalizada, que significará conhecer a correlação entre as doenças e a informação contida nos genes de cada pessoa, o que permitirá prescrever o medicamento e as doses adequadas para cada paciente. Uma das aplicações da medicina personalizada será o aumento da expectativa de vida e o consequente maior envelhecimento da população. Afinal, a luta do ser humano contra a sua finitude é provavelmente tão antiga quanto a própria existência do homem. Desde o século XIX a expectativa de vida vem aumentando graças a melhorias na saúde pública, à dieta e ao meio ambiente, entre outros fatores.

Em outro sentido, a geneticista brasileira – Dra. Mayana Zatz – enfatiza que um dos grandes problemas para a saúde nos próximos 30 anos não será o limite tecnológico, mas o ético. A ciência oferece muitas possibilidades para se contornar ou resolver determinado problema, mas a população precisa de orientação. Afinal a decisão cabe ao paciente. No seu livro “Ge-Ética: As Escolhas Que Nossos Avós Não Faziam”, Dra. Zatz relata casos em que cientistas enfrentam dilemas éticos complexos. Por exemplo, até que ponto é benéfico revelar as chances de se desenvolver determinada doença, já que algumas não têm cura? A discriminação terá vez na contratação de pessoas e na relação com os planos de saúde?

Por tudo isso, temos que revigorar a relação médico-paciente, o respeito mútuo, compreensão humanismo, solidariedade e conhecimento científico. Dito isso, ficamos a pensar que o bom do futuro é que é uma surpresa e que Deus nos surpreenda sempre com suas maravilhas a cada instante.